



GAPA BAHIA
GRUPO DE APOIO À PREVENÇÃO À AIDS

DEZEMBRO 2004

AIDS & CIDADANIA SEXUAL



ÍNDICE ::

4 Trilhas da memória: um programa para homo-bissexuais e profissionais do sexo

6 Bastidores delicados

8 **ARTIGO** > Gay Power: raça e classe construindo mundos homossexuais

10 ENTREVISTA

12 O que é Cecsos?

13 Garotos de aluguel

14 **ARTIGO** > Homossexualidade, violência e desejo

16 Mulheres de família

18 **ARTIGO** > Cidadania Sexual: redimensionando a democracia



PRESIDENTE DO GAPA-BA
Harley Henriques

CONSULTORIA
Ari Lima

EDIÇÃO E REPORTAGEM
Hilcéia Falcão (DRT- Ba 1604)

ARTIGOS
**Almir Pereira Júnior, Ari Lima
e Osmundo Pinho**

FOTOS
Hirosuke Kitamura

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO
Walter Mariano

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Gráfica Contraste

TIRAGEM
3000 exemplares

**Esta é uma publicação da memória do
Projeto Aids e Cidadania Sexual
desenvolvido pelo Gapa-BA**

Rua Comendador Gomes Costa, 39, Barris
Salvador - BA / CEP: 40.070-120
<http://www.gapabahia.org.br>
gapaba@gapabahia.org.br

GAPA

BAHIA
GRUPO DE APOIO À PREVENÇÃO À AIDS



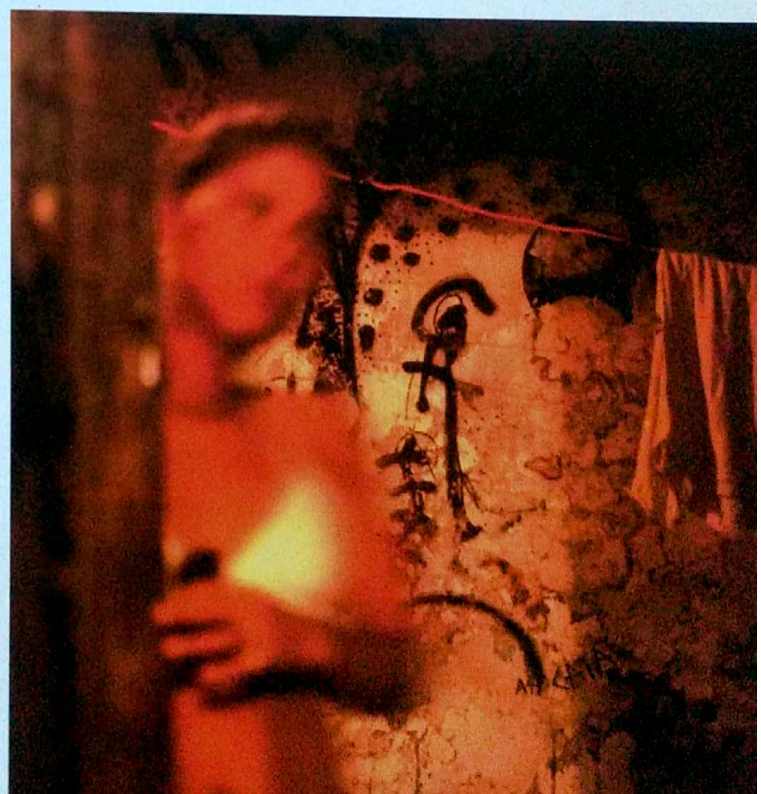
EDITORIAL ::

Nos primeiros anos de susto e alarde do HIV/Aids, "aidéticos", como foram nomeados os acometidos pela epidemia, se tornou um outro nome e mais um estigma para os homossexuais, sobretudo os homossexuais masculinos. Imaginava-se que os homossexuais eram, por excelência, os propagadores do vírus HIV, assim como as vítimas potenciais da Aids, "a peste gay". As primeiras campanhas e programas de prevenção e controle do HIV/Aids, desenvolvidas por Organizações Não-Governamentais e pelo Estado, se dirigiram, particularmente, para este grupo social.

Diferentemente, ao surgir em 1988, o Grupo de Apoio à Prevenção à Aids – Gapa-BA iniciou um trabalho inovador e premonitório junto a mulheres e jovens, que expostos, em maior grau, a diversas formas de exclusão social, estavam em condições de favorecimento da contaminação. De lá pra cá, o Gapa-BA obteve reconhecimento nacional e internacional em virtude do seu trabalho tanto com jovens quanto com mulheres em situação de exclusão social. O HIV/Aids, por sua vez, como previu o Gapa-BA, deixou de ser uma "peste gay" e hoje é uma epidemia que continua a atingir homossexuais, porém, entre cerca de 30.000.000 de contaminados adultos pelo HIV/Aids no mundo, atinge 45% de mulheres e 35,5% de jovens.

Em sua história, o Gapa-BA não só tem antecipado desafios, mas vem atuando no sentido de lutar contra todas as formas de discriminação, de exclusão social e a favor de direitos humanos daqueles soropositivos. Neste sentido, em 1998, ao criar o Projeto Homo-Bissexuais – Gêneros e Grupos de Identidade, mais tarde renomeado como Aids e Cidadania Sexual, o Gapa-BA decidiu se voltar então para a comunidade homossexual enfatizando não apenas a prevenção e o controle do HIV/Aids, mas também a afirmação e o empoderamento gay. A Revista Aids e Cidadania Sexu-

al vem, portanto, apresentar aos colaboradores, parceiros, aos homossexuais, aos profissionais do sexo e à sociedade em geral um trabalho de seis anos que pretendeu reparar os danos físicos e morais àqueles mais vitimados pela epidemia e decididamente àqueles que, como grupo social, mais colaboraram na prevenção e no controle do mal. ★



TRILHAS DA MEMÓRIA:

um programa para homo-bissexuais e profissionais do sexo

atingidas por esta intervenção, travestis, gays, bissexuais e michês (garotos de programa) receberam uma atenção prioritária. Esta decisão se fundamentou, primeiro, em dados que apontavam para homens com comportamento homossexual como sendo, isoladamente, o grupo mais afetado pela contaminação do HIV/Aids no Brasil - 33,8% dos casos notificados até 1997. Segundo, pela reincidência de dados, divulgados pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) que

apontam para o alto grau de violência física e simbólica sofrida por homens gays e travestis na Bahia, violência esta agravada pelo estigma da Aids. Pela observação de que homens gays e travestis, além disso, elaboram identidades e apresentam comportamento sexual relacionados a identidades e comportamentos sexuais de risco, elaborados por homens bissexuais e michês. Estes últimos estabelecem relações e circulam em contextos onde atuam mulheres

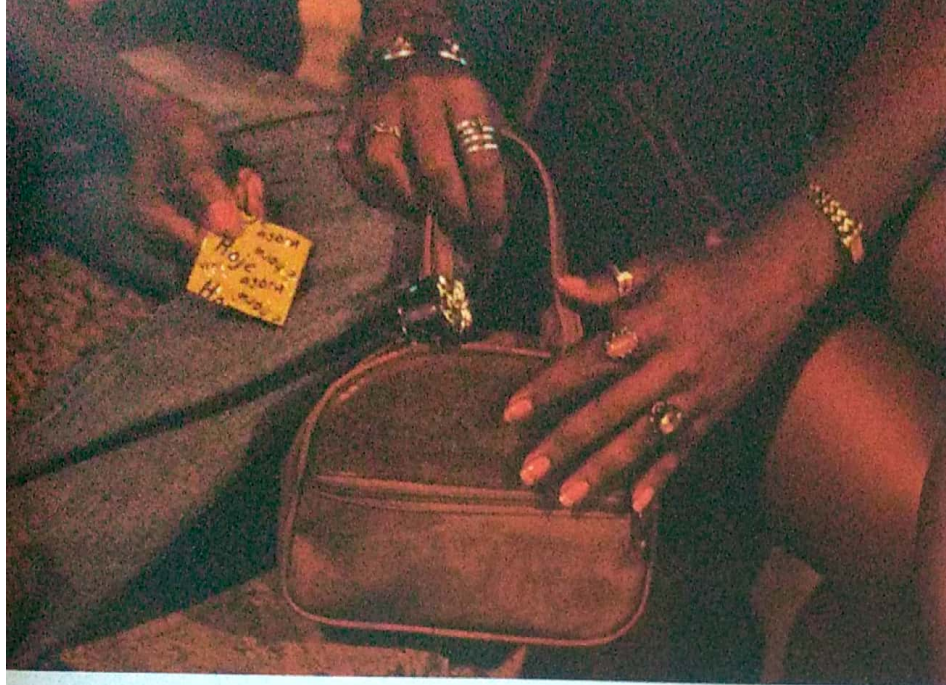
Ao longo dos seus 16 anos de existência, o Grupo de Apoio à Prevenção à Aids (Gapa-BA) vem atuando no controle da expansão do HIV/Aids através de campanhas de prevenção, da distribuição gratuita de preservativos masculinos e femininos, mas também através de políticas elaboradas e dirigidas para segmentos da população, particularmente expostos à contaminação em virtude de determinações econômicas, culturais, raciais, geracionais, de gênero e sexualidade.

A compreensão do Gapa-BA é que a exposição à contaminação pelo HIV/Aids e demais doenças sexualmente transmissíveis, não se resume a uma decisão de foro íntimo, à negligência em relação ao cuidado com a saúde individual, de um parceiro/parceira ou à falta de informação. Aliado a todos estes aspectos, compreende que são fortes limites à prevenção, o cruzamento entre exclusão econômica e racial e uma cultura sexual fundamentada em relações de gênero e identidades sexuais que autorizam mais a um dos parceiros - normalmente aquele que pode pagar pelo sexo, que é homem, branco, "mais homem" e tem prática sexual dupla - a decisão final pela prevenção.

Com esta orientação, o Gapa - BA elaborou e desenvolve desde 1999, apoiado pela agência Novib, o Programa Homo-bissexuais - Gênero e Grupos de Identidade, mais tarde renomeado como Aids e Cidadania Sexual. Ao longo de seis anos de atuação do Programa Homo-bi, embora mulheres profissionais do sexo (prostitutas) tenham sido

Além de distribuir preservativos, Rafael, ex-educador do projeto, orientou a travesti Márcia sobre prevenção às DSTs e cidadania sexual





Distribuídos gratuitamente pelo Gapa/BA, preservativos são entregues nas ruas a travestis, garotos de programa e prostitutas

profissionais do sexo pobres, sub-escolarizadas e em grande parte negras.

A intervenção, portanto, do Programa Homo-bi teve como marca reforçar a informação sobre as formas e situações de contaminação e prevenção do HIV/Aids, mas também fortalecer identidades sexuais estigmatizadas, privilegiar saberes sobre as práticas sexuais que favorecem a prevenção e atacam comportamento sexual de risco, transferir poder e instrumentalizar os grupos para que pudessem reagir a violência física e estigmatização. Além disso, o Homo-bi interveio através de um grupo de rapazes e garotas – multiplicadores – que, desde o processo de seleção demonstravam alguma identificação, sensibilidade e informação sobre os contextos de atuação e interação dos grupos sexuais de interesse.

Os rapazes selecionados eram homossexuais, quase todos negros, informados sobre os códigos e espaços de sociabilidade homo-bissexual: bares, boates, saunas, cinemas, praças e zonas de “pegação”. As garotas que trabalharam com as mulheres profissionais de sexo, não eram prostitutas, mas geravam identificação pela condição racial, algumas vezes, e/ou pela condição de gênero, em alguns casos, reposicionada pela orientação homossexual. O grupo de multiplicadores, antes de intervir no campo, passava por um processo de treinamento que incluía palestras sobre contaminação e prevenção de DSTs e HIV/Aids, noções básicas de direitos humanos, discussão sobre processos de formação de identidade, noções sobre raça e gênero. Além disso, eram treinados também no que diz respeito à abordagem em cada campo de atuação. Deste modo, não apenas distribuíam preservativos, mas colhiam impressões sobre

o campo, informações e sugestões daqueles atingidos pela intervenção.

Durante todo o período de intervenção do Programa Homo-bi, os multiplicadores apontaram sempre para a dificuldade em abordar e impedir comportamentos de risco em situações que

de parceiros múltiplos ou que relacionamentos estáveis, baseados no amor e na confiança mútua, protegem contra a contaminação e dispensam o uso de preservativos. Neste caso, os multiplicadores sempre apontaram para incerteza deste dado, assim como para o fato concreto

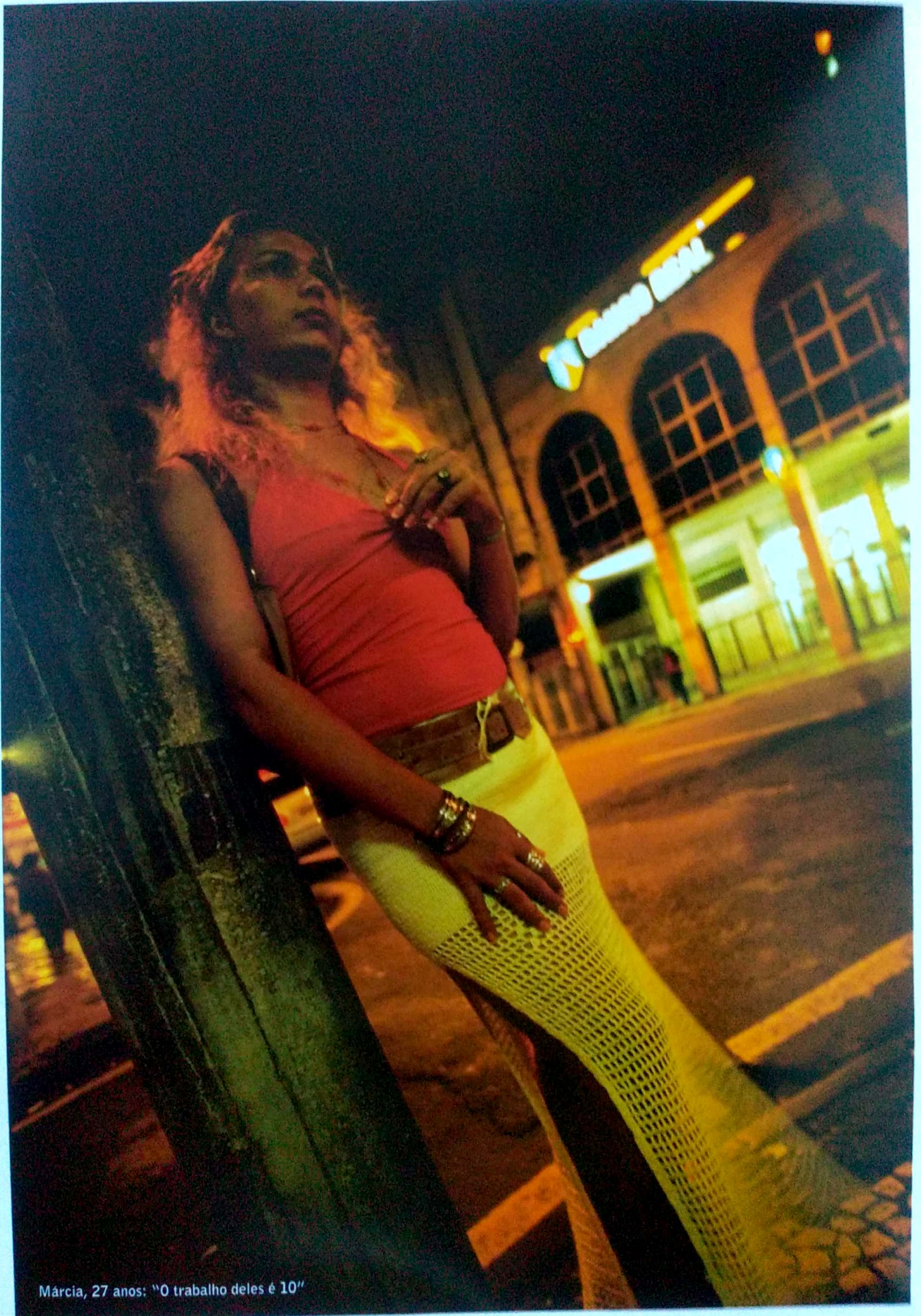


os indivíduos estão ávidos para satisfazer seus desejos sexuais. Uma saída era a observação cuidadosa do melhor momento para abordagem de modo que a paquera ou o programa não fosse prejudicado. Uma outra alternativa foi a realização de bate-papos na sede do Gapa – BA ou deslocamento da atuação para espaços e momentos alternativos.

Um outro enfrentamento constante dos multiplicadores foi a crença dos sujeitos de que DSTs e HIV/Aids estão necessariamente vinculados à existência

que muitos foram contaminados em relacionamentos estáveis.

Enfim, foi muito positivo na intervenção do Programa Homo-bi identificar, muitas vezes, através de oficinas, palestras, contato regular com os sujeitos, uma mudança de mentalidade em relação aos comportamentos sexuais. Identificar também, nos sujeitos mais vulneráveis, a compreensão de que o risco aumenta de acordo ao seu grau de informação e postura mais positiva em relação à sua identidade e auto-estima. ★



Márcia, 27 anos: "O trabalho deles é 10"

Bastidores **delicados**

TRAVESTIS DRIBLAM PRECONCEITOS PARA PREVENIR AIDS, MAS SE "EMBARAÇAM" NO PODER DO MACHO NA RELAÇÃO CONJUGAL

Se pudesse, Márcia seria "dubladora". Usaria plumas, patês e teria noites de muito glamour. Mas, até agora, nos seus 27 anos de vida, a oportunidade não chegou. Enquanto não realiza o sonho de ser uma drag famosa, com direito a carreira no exterior, ela vai fazendo o melhor que pode para satisfazer os desejos dos clientes como uma anônima travesti. Nas noites quentes da Avenida Sete, em pleno centro de Salvador, a nossa personagem dribla preconceitos e, muitas vezes, à revelia dos homens casados que a procuram, na hora do sexo oral tem que esconder o preservativo na boca se quer se prevenir do HIV.

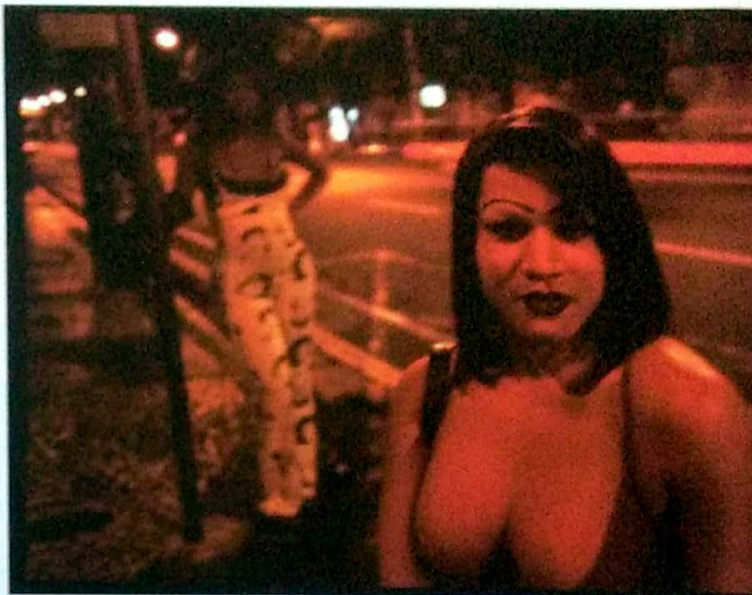
O artifício nem sempre bem visto por quem paga entre R\$ 30 a R\$200 por cada programa é um indício de que não foram em vão as lições para se proteger da Aids, ensinadas há seis anos nas ruas pelos educadores/multiplicadores do Grupo de Apoio à Prevenção à Aids (Gapa-BA) ligados ao Projeto Homo-Bissexuais – Gênero e Grupos de Identidade, hoje rebatizado como Aids e Cidadania Sexual. "O trabalho deles é 10, eles dão apoio aos homossexuais, conversam com a gente e eu ainda pego 30 preservativos por mês", conta. A opinião é compartilhada por Sheron, 25 anos, que classifica assim o trabalho do Gapa: "É uma coisa mais nossa".

Mais importante que a distribuição das camisinhas, segundo ela (é assim que prefere ser identificada), foi a acolhida de educadores como Rafael Santana, hoje bolsista de outro projeto da instituição. "Eles vinham, conversavam com a gente, davam preservativos para todos e orientavam sobre DSTs", relata ela, que sonha ter o próprio salão de beleza. Esteticista e cabeleireira, chegou a exercer a profissão, mas acabou largando o emprego porque a proprietária do estabelecimento em que trabalhava estava em dificuldade financeira e não pôde pagar pelos serviços prestados ao longo do mês.

O jeito foi então abandonar o posto e intensificar a carreira de profissional do sexo com a qual chega a obter uma remuneração de R\$ 800 mensais. Para assegurar um impecável visual feminino, carregado nas tintas de pancake, esmalte, lápis, rímel, sombras e muito batom, Sheron investe em maquiagem, cosméticos, caros perfumes, roupas sensuais e finos sapatos de mulher. "A produção é caríssima", resume, do alto dos seus quase 1,90 m incrementados pelo salto Luis XV que sustenta formas volumosas de travesti.

A trajetória de exclusão socioeconômica de Sheron, que jura ter concluído o ensino médio, não é muito diferente da de Márcia e outras colegas de profissão. Em geral originários de classes sociais mais baixas, os homossexuais que ganham a vida como travestis no centro de Salvador têm em comum um histórico de discriminação no seio familiar. Depois de sofrer o abandono afetivo dos pais, que os recriminam por serem homossexuais, acabam trilhando o caminho da rua, das drogas e, às vezes, da criminalidade. "Tem bicha que anda cheia de tesoura dentro da bolsa e rouba os cliente (sic)", conta Márcia, que chegou a ser abordada pela polícia confundida com uma colega de profissão que faz pequenos furtos no lugar.

Imigrante nordestina, Márcia, que só estudou até a 2ª série do ensino fundamental, morava em Petrolina antes de vir para Salvador. Assim que chegou à capital, há três anos, época em que morava na casa de uma cafetina, soube do Gapa num comercial de TV. E foi à instituição que recorreu na hora de conseguir preservativos masculinos para evitar Aids e DSTs. Lá obteve mais que camisinhas e material informativo sobre as formas de prevenção. "Aprendi sobre o que é preconceito, racismo e como me defender", conta, referindo-se



Sheron, 25 anos: "Eles vinham, conversavam com a gente, davam preservativos para todos"

às aulas de cidadania do curso de Promotores Legais Populares. Agora ela sabe que não pode ser barrada nos hotéis, muito menos ser cerceada pela polícia no direito de ir e vir. "Muitas travestis não têm documentos, através do projeto, algumas que queriam sair do país foram encaminhadas para retirá-los", explica o supervisor de campo do Aids e Cidadania Sexual, Diamantino Lessa. Atualmente, a Europa, mais especificamente a Itália, é o eldorado de quem pretende ganhar dinheiro fora do Brasil com a profissão.

Enquanto estão por aqui, aumentar o preço pra transar sem caminha nem pensar. "Pra mim, desde o momento que ele oferece mais, está contaminado. Não topo", garante Sheron. Ela e a amiga batem pé firme quando o assunto é prevenção no trabalho, mesmo diante da concorrência cada vez mais acirrada. Há noites em que 30 travestis disputam os clientes de classe média alta que buscam nelas a realização do que para alguns pode parecer um estranho fetiche: ser possuído por um homem que tem corpo de mulher. "Saio mais pra comer do que pra dar", revela, entre risos, para depois completar: "Se ele não quer usar a caminha, não faço o programa, nem que ele seja o homem mais belo da Paraíba. E ainda fico com o dinheiro. Por isso comigo agora é assim: dinheiro antes", conta.

O que Márcia ainda não aprendeu é outro ponto controverso das questões de gênero, identificado entre várias populações. Da mesma maneira que as mulheres casadas heterossexuais, na relação conjugal as travestis abandonam toda a prática aprendida com o Gapa. "Com meu marido, não. Só transo sem caminha", admite, revelando uma questão crucial que dificulta a prevenção. Nem sempre a decisão final pelo uso do preservativo cabe a quem tem como pagar. ★

GAY POWER:

Raça e Classe construindo Mundos Homossexuais

POR OSMUNDO PINHO*

"Deus é uma nota de cem"

Racionais MC'S, Vida Loka parte II

A modernização periférica, desigual e combinada, que tem se intensificado no Brasil, produziu cenários híbridos e complexos para performances de identidade e para a construção de ambientes de interação entre homens que fazem sexo com homens (HSH). Nesses ambientes, sujeitos de origem social muito diversa convivem e interagem entre si, de modos mutantes e diversificados, como podemos perceber pela literatura e pela nossa experiência direta em diferentes comunidades homossexuais no Brasil.

Diante disso, gostaríamos de tentar introduzir uma compreensão sobre as comunidades homossexuais que leve em conta a complexidade e a diversidade dos cenários, performances e representações possíveis em torno de estilos de vida homossexuais e dos expedientes para realização do desejo homossexual que, ao fim e ao cabo, é a *última ratio* para estruturação dessas comunidades. Ora, essas diferentes configurações de territorialidades, modos de vida e costumes múltiplos e multiplamente informados por tradições da cultura sexual brasileira, ganham coerência provisória na forma de mundos homossexuais, como horizontes de sentidos negociados. Esses mundos não são, todavia, estanques, mas comunicáveis e na verdade justamente definidos em suas relações cambiantes. O nosso argumento principal para esse aspecto é de que estes mundos são estruturados tanto internamente, como em sua relação com a sociedade global, por estruturas de subordinação e empoderamento, que, operando diferentemente em outros contextos, produzem nesses cenários, situações e performances específicas.

Raça e classe são profundamente operativas tanto da constituição dos cenários, como são relevantes para a realização do desejo, a construção de condições de segurança, ou vulnerabilidade para a violência e a opressão. Por um lado, podemos ver como os recursos disponíveis a homens gays de classe média para construir seus próprios mundos homossexuais são favorecidos, não por sua condição homossexual, mas pelo seu lugar determinado nas estrutu-

ras das classes ou no "espectro" racial. Ora, apesar de retirarem privilégios desse posicionamento na estrutura social ampliada, é na experiência da homossexualidade que essas prerrogativas se manifestam.

A cena homossexual parecerá a alguns mais tolerante ou aberta em termos de raça ou classe, um aspecto frequentemente explicado pelas dimensões das comunidades homossexuais ou por características peculiares à realização do



desejo homossexual. Entretanto, a convivência de homens gays de classes, raças, posições sociais e mesmo estilos de vida diferentes, significa igualdade ou simetria?

Não podemos recair aqui no erro, já superado pela sociologia das relações raciais, que a princípio não entendia que proximidade, e mesmo intimidade não significava ausência de dominação e violência, pelo contrário, a constituía. Os modos de organização das comunidades homossexuais parecem combinar justamente uma atração entre os desiguais como uma estratégia onde diferentes handicaps parecem se compensar numa busca frenética pela maximização do gozo.

Em ambientes mais "modernos", a monetarização das relações parece mais evidente e despudorada. O avanço do capital dissolve todos os véus e o que em contextos tradicionais parece encoberto pela etiqueta do costume ou das convenções de hierarquia e deferência, na modernidade bárbara em que

nos afogamos surge como uma transação límpida e cristalina. No altar do desejo e do poder, todos os idealismos devem ser, assim, sacrificados.

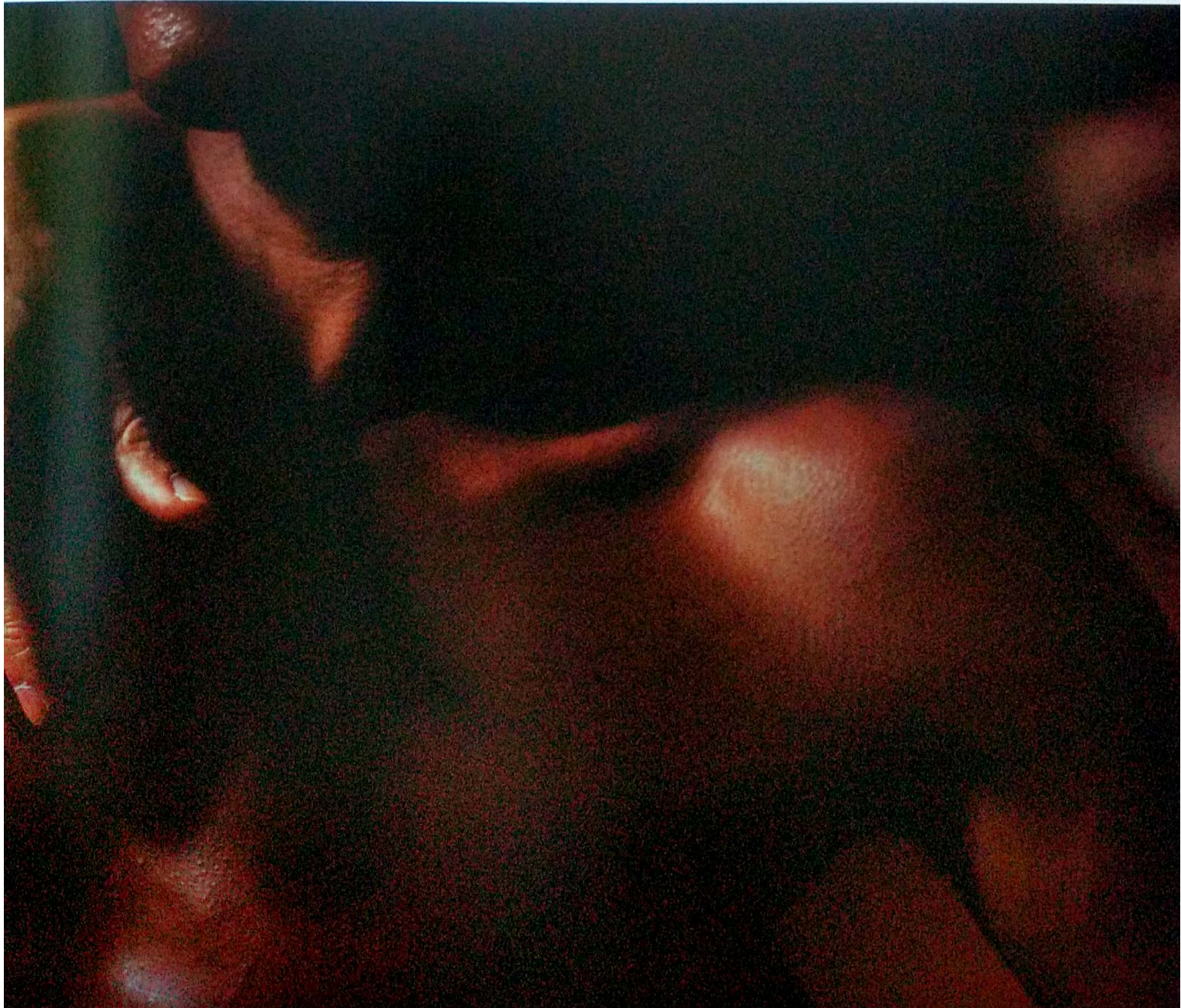
Poderíamos talvez localizar melhor essas observações tendo em mente nossa experiência de trabalho no Gapa-BA onde coordenamos o Projeto Homo-Bissexuais¹. Em 1998, realizamos uma pesquisa com o objetivo de esboçar um perfil aproximado do grupo com o qual estávamos interagindo. Aplicamos 109 questionários nos pontos focais de territorialidade HSH onde realizávamos a intervenção. Estes questionários procuraram levantar informações gerais sobre condição sócioeconômica, raça, identidade e práticas sexuais.

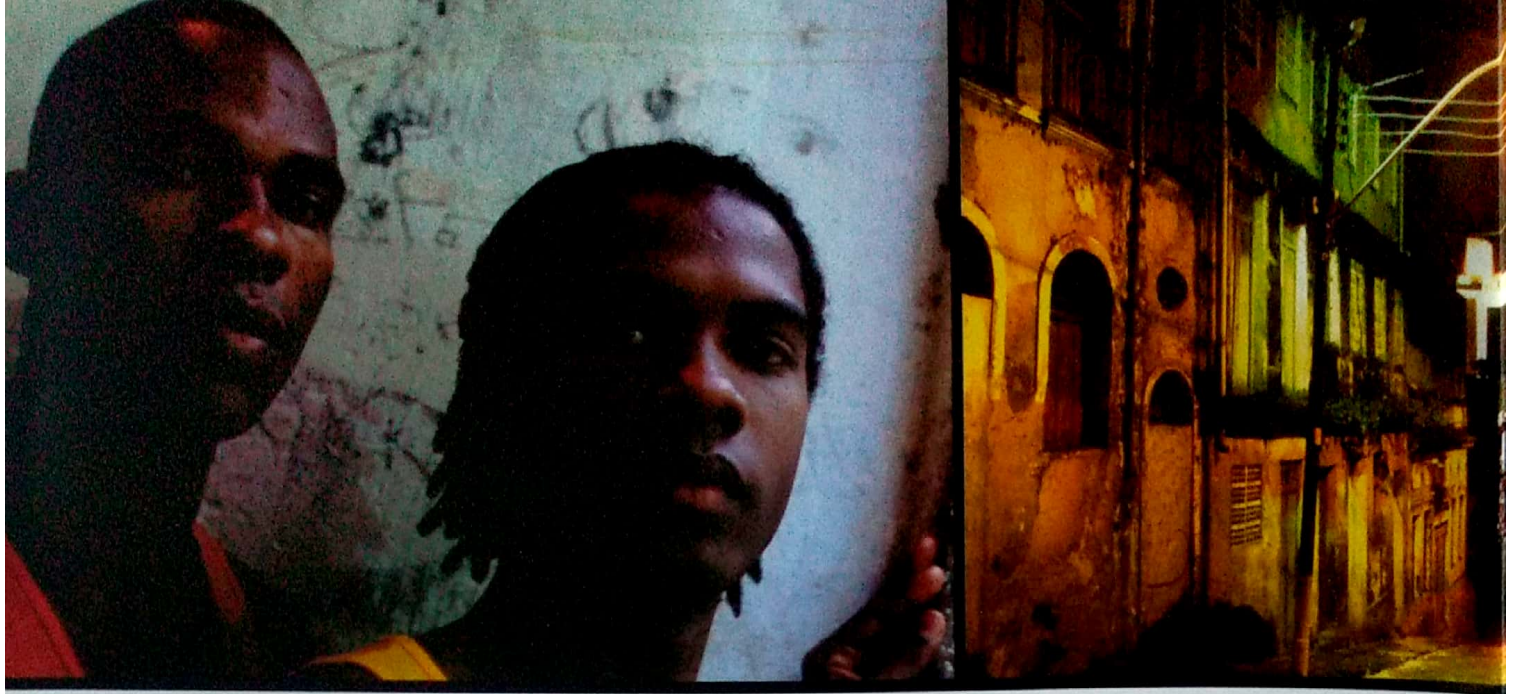
Analisando o material – que não temos espaço pra apresentar aqui – chamou nossa atenção a variedade de fatores que entre si intercombinados alteram os resultados, tanto para auto-percepção como para os graus de manifestação positiva em relação à própria sexualidade. Ou seja, o grupo pesqui-

sado não é homogêneo em relação ao lugar social que os sujeitos ocupam e esta variação condiciona a percepção e auto-representação dos indivíduos. As diferenças de raça e classe são profundamente relevantes e estruturam a experiência da sexualidade em Salvador, e podemos afirmar, em outros contextos. Por outro lado, grande percentual de homens que entram em efetivo intercursos homossexual com outros, não realizam para si uma definição de identidade homossexual, grande parte destes homens povoam as margem amplas da experiência homossexual habitando-as como "enrustidos", "encubados", "bofes", "michês", "moleques", "Homens", "boys", etc. ★

¹ Antropólogo. Centro de Estudos Afro-Brasileiros – UCAM/RJ.

¹ Por aproximadamente três anos, entre 1995-1996 e depois novamente em 1998.





'O departamento da América Latina teve que reduzir seu orçamento e fazer escolhas de temas prioritários'

ENTREVISTA / **Adolfo Lopez**

A defesa dos direitos humanos não é um tema novo na vida do antropólogo Adolfo Lopez. Formado na PUC de São Paulo, trabalhou no Comitê Internacional contra o Trabalho Infantil sediada na Holanda e no departamento da juventude da Unesco da África Austral. Representante da Agência Novib, financiadora do Projeto Homo-Bissexuais – Gênero e Grupos de Identidade, hoje renomeado Aids e Cidadania Sexual, realizado pelo Grupo de Apoio à Prevenção à Aids (Gapa-BA) em Salvador, Lopez atuou na Novib de 1997 até 2002, como um dos responsáveis pelo programa brasileiro. Também fez parte do grupo de trabalho responsável pela formulação da política da Novib no tema de HIV/Aids. Desde 2002, trabalha no secretariado da Campanha Stop Aids Now!, da qual a instituição holandesa Novib faz parte. Nesta entrevista, ele fala da atuação da Novib na América Latina, da importância do projeto realizado em Salvador e explica porque ele está sendo encerrado.

Qual o caráter da agência Novib, onde está sediada e como atua?

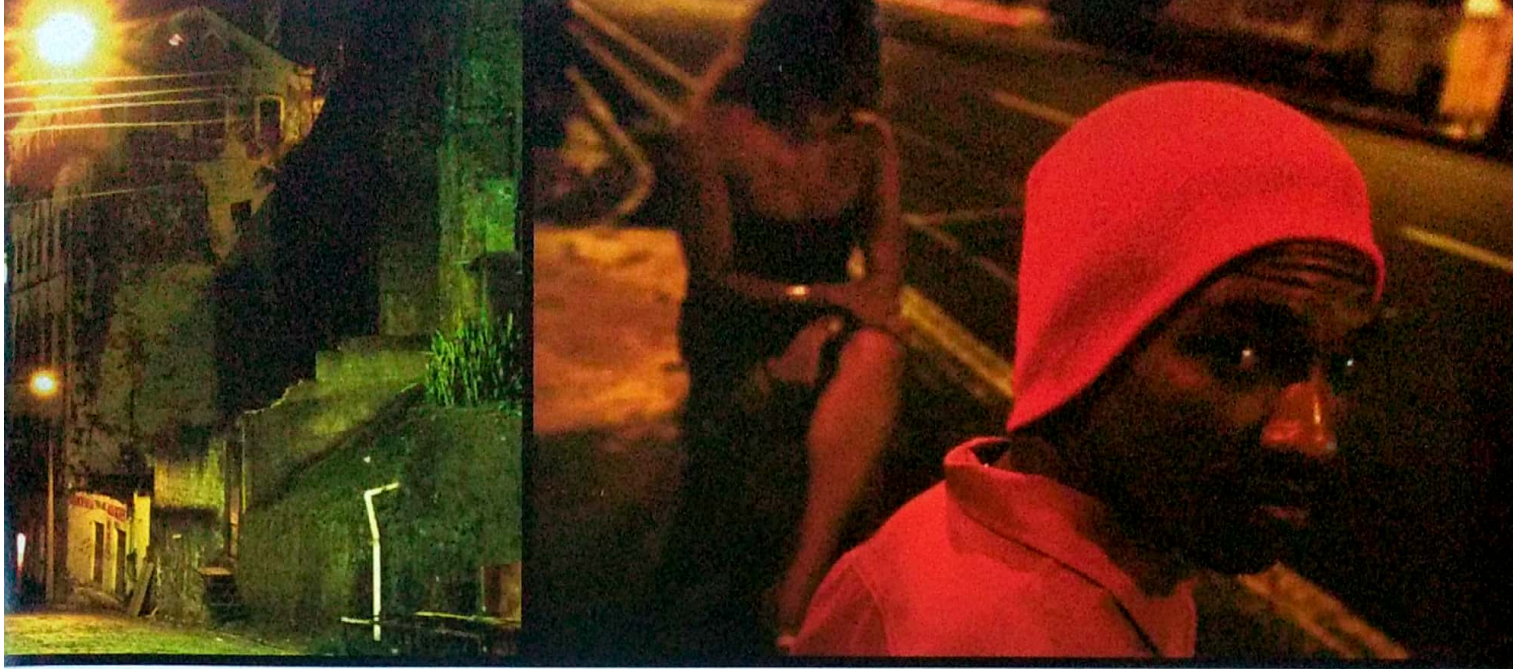
AL - A Novib é uma das maiores agências holandesas de cooperação internacional, trabalhando na área do desenvolvimento, no combate à exclusão e na luta por uma sociedade mais justa. A Novib opera desde Haia, na Holanda, estabelecendo contratos de cooperação com mais de 900 organizações em mais de 50 países no mundo. Recebe parte dos seus fundos do governo, do público e da loteria holandesa.

Além da prevenção e controle da expansão do HIV/Aids existem outras áreas de atuação da Novib? Quais?

AL - São cinco os temas centrais da Novib, chamados de Objetivos Estratégicos de Mudança (SCO's: Strategic Change Objectives), desde a perspectiva do direito: 1. o direito ao trabalho e qualidade de vida; 2. o direito à educação e saúde; 3. a contribuição em estados de guerra e emergências por catástrofes; 4. o direito à voz e participação e 5. o direito à identidade. Cada região escolhe 3 SCO's prioritários. HIV/Aids é tema transversal nas regiões de alta incidência.

Quais são os critérios fundamentais da agência Novib que determinam o financiamento de projetos como o Homo-Bissexuais – Gêneros e Grupos de Identidade?

AL - São financiados projetos que ofereçam oportunidades de mudanças nos SCO's escolhidos por região. As organizações responsáveis pelo projeto apresentado devem comprovar capacidade institucional suficiente para identificar oportunidades e riscos e efetivar intervenções, na perspectiva de mudanças em políticas e práticas.



Os educadores Alessandro, Joedson e Rafael, enfrentam desafios para levar solidariedade a profissionais do sexo

Ao financiar intervenções sociais, como a Novib mensura resultados, desacertos e riscos?

AL - A Novib recebe das suas contrapartes relatórios semestrais e anuais. Os projetos financiados recebem uma avaliação externa a cada três anos. As informações obtidas são traduzidas em indicadores de mudança, num banco de dados recentemente desenvolvido pela Novib, chamado de "gerenciamento de conhecimento". Este banco de dados está ligado à análise inicialmente apresentada em cada projeto financiado, frente às mudanças em políticas e práticas esperadas, em função da intervenção proposta.

O Projeto Homo-Bi atuou durante seis anos. Por que ele deixa de existir?

AL - A Novib vem reformulando as suas prioridades temáticas nos últimos cinco anos. Estas mudanças ocorrem em função da relação da Novib com as suas bases de financiamento (o governo holandês principalmente) e suas relações internacionais de parceria, como a Oxfam Internacional. O departamento da América Latina teve que reduzir seu orçamento e fazer escolhas de temas prioritários. Como resultado houve uma redução no número de projetos apoiados e concentração em temas e regiões específicas: trabalho e renda, democracia e participação e direito à identidade. Na América do Sul, as intervenções na área do direito à identidade, onde o projeto Homo-Bi do Gapa-BA poderia identificar-se, concentram-se na problemática dos índios. O projeto Homo-Bi é considerado um projeto na área da prevenção e controle de HIV/Aids, e portanto um tema na área da saúde. O direito à saúde

e à educação não é um tema prioritário para a Novib na América do Sul.

A Novib mensura o impacto do Projeto Homo-Bi junto aos grupos sexuais atingidos (gays, travestis, garotos de programa e prostitutas)?

AL - A Novib recebeu do Gapa-BA, nos anos que apoiou o projeto Homo-Bi, consultas sistemáticas aos gays, travestis, garotos de programa e prostitutas, avaliando o impacto da intervenção. Essa avaliação sistemática dava retornos de correção de percurso ao projeto. A avaliação externa também consultou estes grupos para mensurar o impacto.

Qual a balanço da Novib sobre seu trabalho de prevenção e controle do HIV/Aids no Brasil e no mundo?

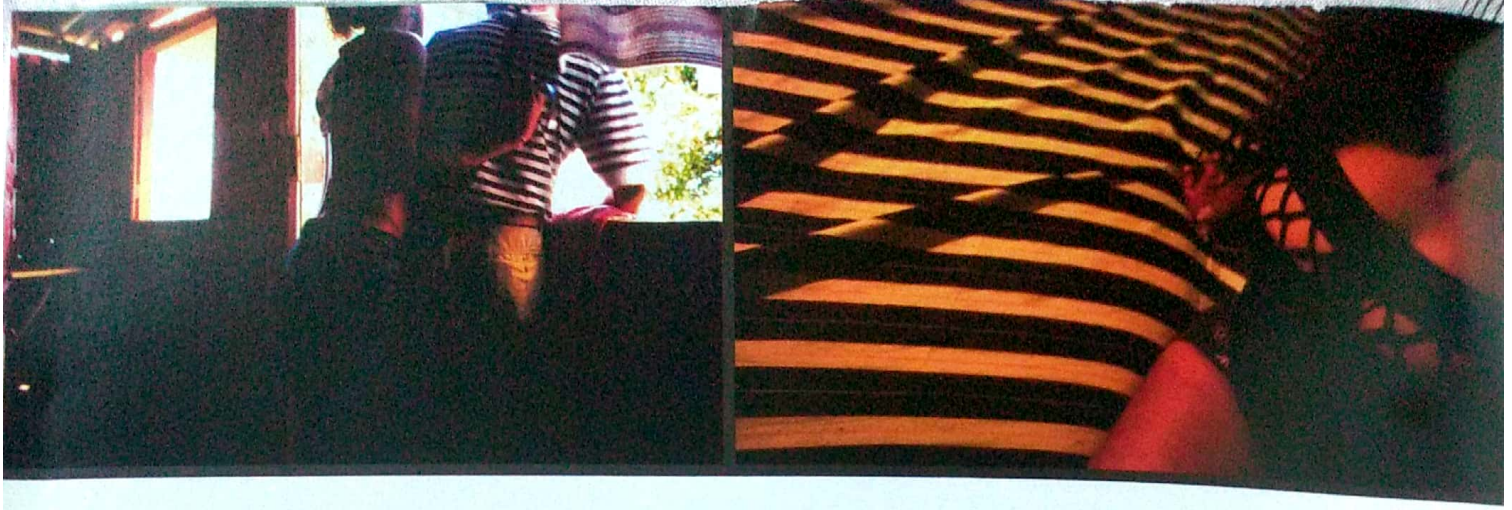
AL - Escolhas têm que ser feitas dentro a variedade de temas na perspectiva do combate à exclusão. O Brasil é considerado internacionalmente como um modelo exemplar na área de prevenção e controle do HIV/Aids, levando o tema para o fim da fila de prioridades de intervenção da Novib no Brasil. Em países com alta incidência do vírus, a Novib tem uma política que apóia processos de transversalidade do tema HIV/Aids nos programas existentes. Projetos apoiados pela Novib nesses países, devem incluir uma análise do impacto do HIV/Aids nos seus programas e as atividades apresentadas devem incluir considerações referentes ao público infectado e afetado pelo vírus do HIV/Aids.

Em sua atuação no Brasil, a Novib se articula também com organizações governamentais? De que modo?

AL - A Novib se caracteriza por ser uma organização de apoio a organizações da sociedade civil. Apóia a idéia de que organizações da sociedade civil devem trabalhar considerando a sua relação com o Estado e com governos locais. Porém, projetos oriundos de governos locais não são apoiados diretamente pela Novib.

Qual a avaliação que a Novib faz do trabalho de prevenção e controle do HIV/Aids desenvolvido pelo Gapa-BA?

AL - A Novib apóia um projeto institucional, de curto prazo, como forma de fechamento da parceria. A parceria acaba como resultado da escolha de temas prioritários da Novib no combate à pobreza no Brasil. O Gapa-BA conquistou, tanto no departamento da América do Sul como no departamento de campanhas da Novib, a imagem de especialista no campo de prevenção e controle da Aids e sua abordagem desde a perspectiva do direito. É o único parceiro da Novib no Brasil e na América do Sul especializado no tema de prevenção e controle da Aids. A Novib reconhece a especialidade do Gapa-BA na área de prevenção, em particular, com jovens. O Gapa-BA é visto também como organização com um desenvolvimento institucional exemplar, nas seguintes áreas: clareza na formulação de propostas, capacidade de construção de parcerias com outras organizações e sua capacidade de diálogo com o Estado e governos locais. O Gapa-BA é também reconhecido na Novib como especialista em análise de sustentabilidade institucional e captação de recursos. ★



O que é Cecsos?

CENTRO DE CIDADANIA E SOLIDARIEDADE ÀS ORIENTAÇÕES SEXUAIS LEVA ASSISTÊNCIA A GRUPOS ESTIGMATIZADOS



Profissionais do sexo tiveram apoio e orientação

A idéia era criar um espaço capaz de ampliar as possibilidades de acesso a benefícios, de combate à contaminação pelo HIV/Aids e controle da violência e discriminação. O lugar seria voltado a travestis, prostitutas e garotos de programa, os mais estigmatizados grupos sexuais. E assim foi feito. Em novembro de 2000, o Grupo de Apoio à Prevenção à Aids (Gapa) implantou o CECOS (Centro de Cidadania e Solidariedade às Orientações Sexuais), numa sala localizada na Avenida Carlos Gomes, área da cidade onde se concentram bares, boates, esquinas e hotéis freqüentados por gays, garotos de programa, bissexuais, lésbicas, prostitutas e travestis.

A localização era estratégica. Boa parte dos freqüentadores dessa região compõe o grupo dos mais empobrecidos, com mais baixo grau de escola-

ridade e negros, bastante expostos à contaminação pelo HIV/Aids, à violência de clientes, da polícia, à discriminação por raça e por expressão sexual. A intenção era promover solidariedade e cidadania sexual entre esses grupos e segmentos da sociedade civil organizada, instituições governamentais e não-governamentais. E isso aconteceu.

O espaço, na verdade uma casa de apoio e passagem, funcionou como um posto avançado de direitos e de intervenção nos territórios homo-bissexuais. Logo no seu primeiro ano de atuação, o CECOS, cuja necessidade de criação havia sido identificada desde a formulação inicial do Projeto Homo-Bissexuais – Gênero e Grupos de Identidade, realizou dezenas de atendimentos diretos e indiretos junto ao público alvo. Articulou também parcerias com diversas instituições.

Além disso, o centro realizou diversas ações educativas através de bate-papos itinerantes sobre sexualidade, gênero, raça e etnicidade, violência e saúde. Desenvolveu também oficinas técnicas/profissionalizantes, de teatro e dança. Participou e promoveu diversos eventos como a Parada do Orgulho Gay em Salvador, mostra de filmes com temática de interesse da comunidade homo-bissexual e encontro comunitário sobre saúde e sexualidade realizado pelo Grupo Cinco Estrelas, composto por homossexuais da comunidade do Calafate, na periferia de Salvador.

Nesse período, foram articuladas parcerias com o Ministério Público Estadual - através da Promotoria de Justiça e Cidadania no Combate ao Racismo e outras formas de discriminação -, o Grupo de Estudos da Mulher (GEM) da Escola de Enfermagem da UFBA, a Faculdade de Odontologia da UFBA, o Serviço de Assessoria Jurídica Universitária da UFBA, a Corregedoria da Polícia Militar, o INSS, a Delegacia Especial de Atendimento a Mulher (DEAM), o Serviço de Atendimento ao Cidadão (SAC), o Centro de Referência Estadual de DST/HIV/Aids do Estado da Bahia (Cre aids), o Centro de Orientação e Apoio Sorológico do Estado da Bahia (Coas), a Casa de Apoio e Assistência aos Portadores do HIV (Caasah) e o Centro de Estudos e Terapia ao abuso de Drogas (Cetad).

É verdade que esta pioneira ação do Gapa – BA através do CECOS não eliminou todas as dificuldades enfrentadas pela comunidade de homo-bissexuais. De qualquer forma, foi muito positivo criar uma ambiência que, ao mesmo tempo, intensificou o controle da expansão do HIV/Aids, estimulou a elevação da auto-estima de gays, travestis, garotos de programa, lésbicas, prostitutas e favoreceu o respeito à liberdade de expressão sexual em Salvador, uma cidade marcada pelo alto grau de violência física e simbólica contra homossexuais. ★

Garotos de Aluguel

CENÁRIO TRANSGRESSOR DOS CINES PORNÔS TORNA MICHÊS REFRATÁRIOS À PREVENÇÃO À CONTAMINAÇÃO PELO HIV

O filme é o que menos importa. Embora faça parte do cenário fétido e sombrio das salas de cinema pornô, é apenas um detalhe nesses chamados "pontos de pegação". O que conta mesmo para quem transita diariamente pelo Cine Tupy, na Baixa dos Sapateiros, em Salvador, por exemplo, é a satisfação do desejo. Garotos de programa, prostitutas e travestis vendem "minutos de prazer" no banheiro dos cinemas e até nas poltronas a preços que variam de R\$5 (valor do ingresso) a R\$30. Tem quem aceite menos – um vale transporte e até R\$1. Com sorte, chegam a ganhar R\$ 500 mensais. O curioso, entretanto, é o perfil dos clientes, em geral homens sérios, casados, que usam o anonimato para desfrutar dos mais estranhos hábitos sexuais.

"Outro dia um cliente me pegou aqui, me levou para a casa dele, pra eu transar com a mulher dele enquanto ele ficava lá, se masturbando", conta Anderson, 27 anos, desde os 18 atuando como "michê". Boa parte dessas pessoas que recorre ao sexo pago nos cinemas pertence à classe média, tem mais de 30 anos e ocupa posições de destaque na sociedade. "Tem médicos, juizes e policiais", atesta, referindo-se a clientes com hábitos homossexuais. O mais curioso, entretanto, é que garotos de programa como Anderson, embora pratiquem sexo com homens, se identificam como heterossexuais.

Nesse contexto de absoluta transgressão o que menos importa é a prevenção à contaminação pelo vírus HIV. Lidar com essa variante é a parte mais difícil do trabalho feito pelos educadores/multiplicadores do Grupo de Apoio à Prevenção à Aids (Gapa-BA) ligados ao Projeto Homo-Bissexuais – Gênero e Grupos de Identidade, hoje rebatizado como Aids e Cidadania Sexual. "É um universo obscuro, onde se faz o que quer sem ser visto, as pessoas até dizem que usam preservativo, mas o que a gente vê ali não é isso", conta Alessandro Santos, 28 anos, há dois atuando no projeto. Segundo ele, nas poltronas ou nos banheiros, o que se vê é gente fazendo sexo sem preservativo, apesar da distribuição periódica feita pelo Gapa.

Outro exemplo disso é a "roleta russa do HIV" na qual se transformaram locais como o Tupy e o Astor. Neste último, há cerca de um mês, uma mulher fez fila para transar sem preservativo com vários homens. "Era um mulherão e fez com todo mundo de graça", conta Anderson, que garante que não transa sem camisinha nem por alguns reais a mais. Morador do subúrbio, ele começou a vida de garoto de programa por acaso, depois de ter ido ao cinema por curiosidade conferir um filme pornô.

Contudo, tanto os clientes quanto os profissionais do sexo parecem pouco interessados em evitar doenças. A começar pelo ambiente escolhido para manter as relações sexuais: banheiros imundos que exalam mau cheiro. Ou poltronas na mesma situação. Além disso, o sexo grupal incrementa o "cardápio" perigoso. "Vinte por cento das pessoas que freqüentam os cinemas são soropositivas, muitas sabem do risco que estão correndo e não querem se prevenir", estima Alessandro, que diz ter reconhecido em freqüentadores sintomas da presença do HIV. Conforme o gerente do Tupy, Cristóvão Contreiras, que dispõe de quatro funcionários e parece não se preocupar com o que acontece por ali, diariamente circulam cerca de 180 pessoas pelo local.

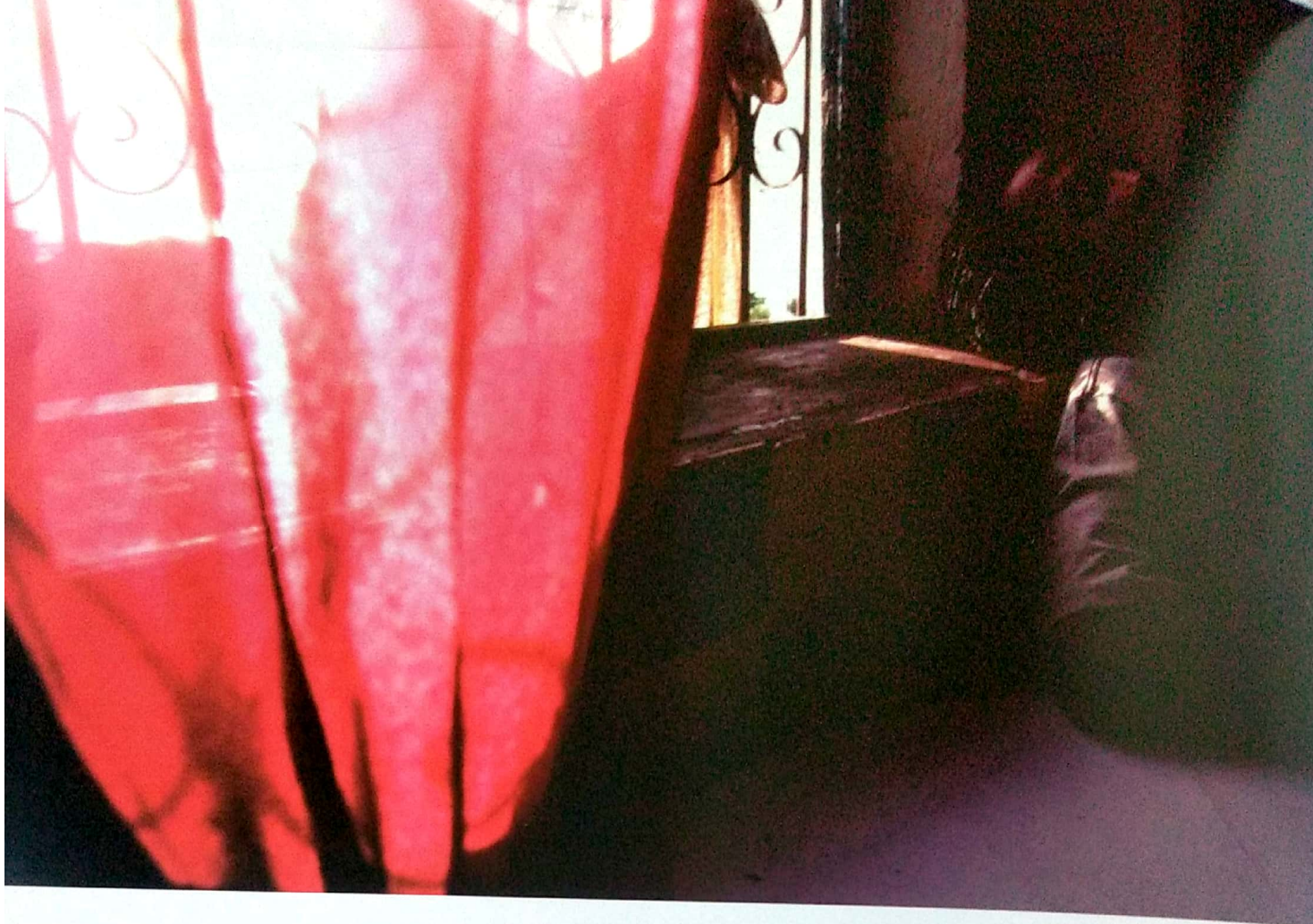
A violência e a criminalidade são ingredientes que tornam o ambiente fétido ainda mais hostil. Nas poltronas onde, nos anos 70, criancinhas deram boas risadas com os sucessos cinematográficos de "Os Trapalhões", meninos não tão ingênuos – em geral, iniciam aos 16 anos a trajetória de michês – às vezes cobram um preço alto pelo prazer. "Já vi um cliente falando com um deles: 'Mas rapaz, acabei de ficar com você e agora você vem me roubar?!'", conta Alessandro. Enquanto as cenas bizarras de películas como "Sexo na Cachoeira" ou "A abertura do prazer e dos desejos" distraem clientes, há quem aproveite para afanar dos desavisados uns trocados a mais.

Os pequenos furtos praticados por alguns parecem funcionar quase como uma compensação para inconveniências de certos clientes que costumam exercer pela força o poder. "Tem muito cara ignorante, porco, que trata a gente mal", descreve Anderson que costuma entrar no cinema às 10h, horário da primeira sessão. A violência dos maus-tratos verbais revela



Cine Tupy: universo obscuro refratário à prevenção da Aids

um dado a mais: o sexo pago em geral envolve relações de poder. Nessa hora, alguns chegam a pensar em largar a profissão. "Quero sair daqui, isso não é meio de ninguém. Mas o que vou fazer? Vou roubar?", inquire. Mas o dinheiro rápido no bolso o faz pensar duas vezes e voltar atrás. Afinal, para realizar o sonho de deixar esse estranho "passatempo", ainda terá que superar muitos outros entraves da exclusão social. ★



Homossexualidade, **violência** e **desejo**

POR ARI LIMA*

O SEXO ENTRE IGUAIS SE CONFIGURA
COM BASE EM MASCULINIDADES MAIS
POSITIVADAS E MENOS POSITIVADAS

Em 1998, antes mesmo da implantação do Projeto Homo-Bissexuais, o Gapa-BA realizou uma pesquisa que pretendeu levantar o perfil aproximado de homo-bissexuais e dos territórios, onde mais tarde o projeto interviria, que estes freqüentavam. Foram aplicados 109 questionários que trouxeram informações gerais sobre condição socioeconômica, raça, identidade e práticas sexuais. No que diz respeito a identidade sexual, para a questão estimulada "Qual sua orientação sexual?: Bicha, Bissexual, Bofe, Entendido, Gay, Heterossexual, Homem, Homossexual, Travesti". "Homem" e "Homossexual" foram as categorias mais bem representadas com, respectivamente, 28,0% e 47,7 % das respostas. Em outros termos, constatou-se também que, excluindo as travestis, 64,6% dos entrevistados declararam uma identidade enfaticamente não-heterossexual, contra 29,8%, incluindo "Homens", "Bofes", "Bissexuais", "Heterossexuais" e "Entendidos", que não o fizeram.

No caso da intervenção prevista para o Projeto Homo-Bissexuais, estes dados foram balizadores para compreensão de uma configuração da homossexualidade em determinados territórios da cidade de Salvador e definição de um modelo de intervenção. Do ponto de vista etimológico, homossexual denota o sexo entre iguais. De um ponto de vista identitário, homossexual e/ou

homossexualidade pressupõem uma identidade baseada numa relação fixa e idêntica entre diferentes pessoas do mesmo sexo. Deste modo, o termo identidade se refere à sedimentação de significados, de atributos físicos e culturais, de papéis sexuais naturalizados a ponto de definir um ser imutável e essencial nomeável pelos outros. De fato, pessoas do mesmo sexo desenvolvem infinitas formas de combinar ato sexual e afeto. Histórica e culturalmente estas combinações são alteradas e resignificadas esvaziando assim uma idéia de identidade.

Como já apontou a literatura especializada, na sociedade brasileira, a prática sexual entre homens é mais identificada através da combinação entre identidades sociais e sexuais com o sexo biológico e os papéis sexuais dos sujeitos, quando então, fortes princípios hierárquicos, patriarcalismo e machismo regulam as relações de gênero e a sexualidade. É norma social que, desde a tenra infância, o masculino seja educado de modo a assumir comportamentos, posturas e se identificar com tarefas e prazeres "naturalmente" masculinos, tais como, proteger o mais fraco, ser agressivo e ter posição ativa no ato sexual. Já o feminino deve ser delicado, maternal e assumir posições passivas no ato sexual. Enfim, vulgarmente falando, o masculino é quem "come", o feminino é quem "dá".

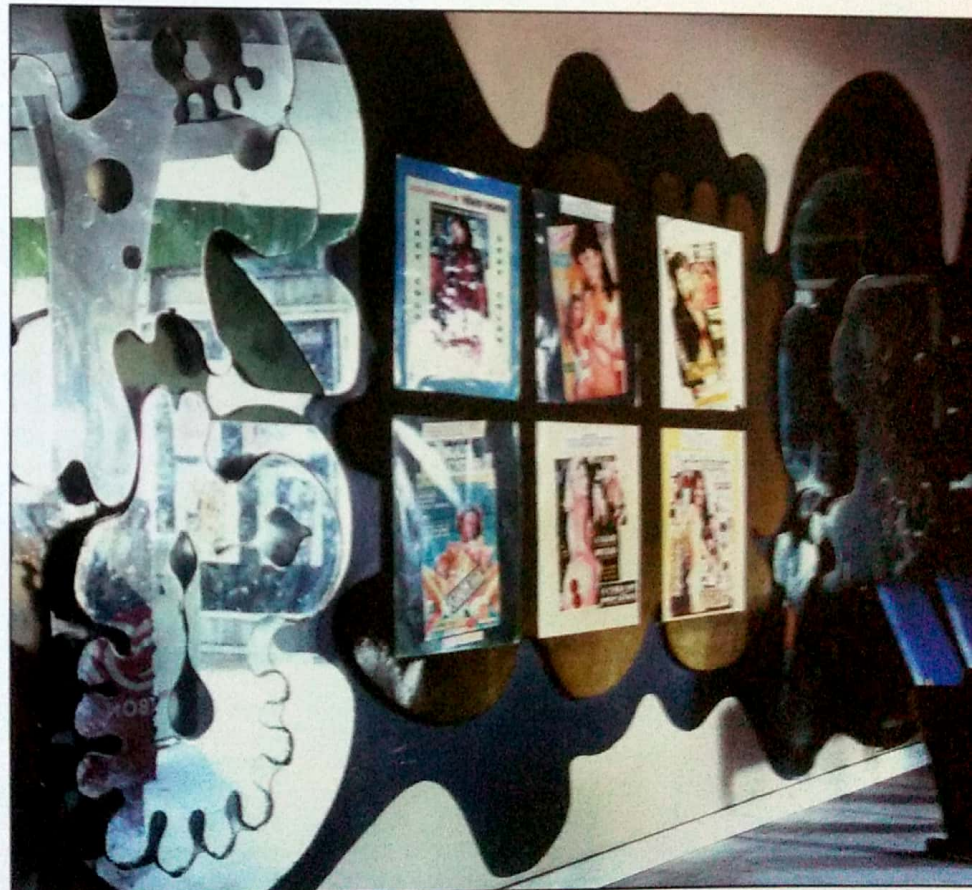
Portanto, no universo das práticas homoeróticas masculinas, espera-se que aquele que biologicamente é homem, mas socialmente é visto e se define como a "bicha" ou "travesti" desempenhe o papel sexual "passivo", seja aquele que "dá", logo a "mulher" da relação. Por outro lado, espera-se que aquele que biologicamente também é homem, socialmente é visto como tal e se define como homem (o "bofe", o "michê", o "heterossexual", o "bissexual"), desempenhe o papel sexual "ativo", seja aquele que "come", logo o homem da relação. Assim é tolerável que um "homem" se relacione com uma "bicha" desde que socialmente fique assegurado que ele é "ativo" e a "bicha" "passiva". Escandaloso e perigoso é o "homem" ser "comido" pela "bicha" ou pela "travesti" ou uma "bicha" se relacionar com outra "bicha", uma "travesti" com outra "travesti" ou um "homem" com outro "homem".

No campo de intervenção do Projeto Homo-Bi, observamos que estes estereótipos permanecem e orientam as relações, mas também, muitas vezes, são corrompidos, desencadeando situações em que a afirmação homossexual e a prevenção são favorecidas, assim como situações em

que a violência física e simbólica à afirmação homossexual e à exposição a DSTs e HIV/Aids é que são oportunizadas. A violência se manifesta desde a maneira como boa parte dos espaços que entrevistamos se configuram como territórios de sociabilidade e relações homoeróticas. São territórios, viáveis economicamente pela frequência homo-bissexual, porém anti-homossexuais e semi-profissionais, reprimem a expressão homoerótica e são refratários ao trabalho de prevenção. Constatamos também que estas relações se sustentam numa base de desigualdades expressadas nas próprias categorias de identidade sexual masculina. Ou seja, do ponto de vista da identidade sexual, o sexo entre iguais se configura com base em masculinidades mais positivadas e menos positivadas, as quais, nos territórios de intervenção, promovem uma íntima articulação entre sexualidade e poder. Isto costumava se refletir, inclusive, na disposição dos sujeitos ao trabalho dos agentes multiplicadores do Gapa-BA. Quanto mais "homem", mais arredo à prevenção, ao diálogo e a uma política de

Enfim, nos espaços de intervenção do Projeto Homo-Bi, a observação do sexo que muitas vezes não ousa dizer seu nome, nos revelou que as relações homossexuais parecem ser mediadas menos pelo afeto e mais pelo desejo sexual. Neste caso, ao invés de pensarmos identidade sexual como algo fixo e imutável, operamos com a idéia de "produção" e de "posições" relacionais de identidade constituídas interna e não externamente aos espaços de representação do desejo. Deste modo, foi possível ter mais claro que ao invés de uma natureza homossexual, encontrávamos padrões psicológicos e comportamentais que nem sempre estavam de acordo com o que os sujeitos realmente faziam, pensavam e diziam fazer. A prevenção de DSTs e HIV/Aids promovida pelo Projeto Homo-Bissexuais, portanto, mais do que apenas distribuir preservativos, procurou intervir considerando estes componentes contextuais. ✦

Dr. em Antropologia, professor da FTC-Salvador e ex-coordenador do Projeto Homo-Bissexuais.



afirmação identitária. Quanto mais afirmativamente homossexual menos arredo e disposto a colaborar. Quanto mais aproximadas as identidades sexuais dos parceiros maior, o interesse pela prevenção e preservação de sua integridade moral e física.

Nos cinemas pornôs, interagem várias categorias sexuais masculinas



PROFISSIONAIS DO SEXO DA LADEIRA DA MONTANHA OPTAM PELO PRESERVATIVO FEMININO E CONVENCEM CLIENTES A PREVENIR A AIDS

*Os nomes foram trocados para preservar a identidade das fontes

Chefes de família

Nem benditas entre as mulheres, nem malditas como a travesti Geni. Se fossem personagens de Chico Buarque, ali na Ladeira da Montanha, no cotidiano dos casarões em ruínas, estariam mais para Ana de Amsterdam. O certo é que as profissionais do sexo que "fazem vida" no centro de Salvador têm uma rotina muito distante do consolidado no imaginário popular. Elas já não moram mais no brega, têm casa, parceiro fixo e filhos para manter. E são capazes de dar aulas de orientação sexual a sérias donas-de-casa que até hoje não conseguem quebrar o silêncio e se prevenir da Aids.

Todos os dias, Adriana*, 37 anos, acorda cedo, arruma o filho para a escola e pega o ônibus para ir ao trabalho pela manhã. No casarão número 73, inicia o expediente por volta das 9 horas. Quando o café fecha o bordel, às 18 horas em ponto, retorna à periferia, onde mora, para retomar as tarefas do lar. Na verdade, ela não é propriamente uma funcionária do espaço, um misto de brega e botequim. Apenas aluga o quarto por R\$ 5 a cada vez que precisa manter uma relação sexual. Cada programa custa entre R\$25 e R\$50, "a depender do que a gente vai fazer". Na primeira quinzena do mês, chega a atender de três a seis clientes por dia. Os homens que recorrem ao serviço das prostitutas são casados, jovens (entre 30 e 40 anos) e heterossexuais.

O curioso, entretanto, é a clareza que mulheres como Adriana têm a respeito da importância da prevenção à Aids e às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs). "Outro dia, na escola do meu filho, teve uma palestra sobre prevenção, eram coisas que eu já tinha ouvido várias vezes no Gapa e aqui. E tinha uma mulher do meu lado só dizendo: 'Imagine! Eu mandar o meu marido usar camisinha, o que será que ele vai pensar?'. Achei aquilo um absurdo

mas não podia dizer nada porque ela não sabia da minha profissão", conta Adriana, entre surpresa e indignada.

Há 8 anos no ofício, ela sabe bem o que representa, para a própria sobrevivência, o exercício de práticas sexuais seguras. Por isso, não abre mão do preservativo, especialmente o feminino, segundo ela, o preferido entre os seus clientes. "Tem uns que chegam dizendo logo: 'Eu quero aquele sacolão'", relata, aos risos, referindo-se ao método que conheceu através do trabalho feito pelo Grupo de Apoio à Prevenção à Aids (Gapa-BA). Segundo ela, há homens que perdem a ereção ao utilizar o preservativo masculino e sentem-se mais à vontade quando fazem uso do "sacolão". O único problema é o preço – o das mulheres custa em torno de R\$ 9 a caixa com dois.

Menos pelo valor dos preservativos – o Gapa distribui periodicamente –, mais pela intransigência dos clientes que costumam oferecer mais dinheiro para não usar, há momentos em que o jeito é rejeitar o programa. "Em primeiro lugar está a minha saúde, minha filha. Não faço sem camisinha nem por muitos reais a mais", depõe a cearense Suziane, 22 anos, a Piu-Piu, uma das poucas exceções no quesito moradia. Sem família em Salvador, ela, que não esconde o nome nem a origem, vive no próprio brega, no casarão 73. Piu-Piu, como prefere ser chamada, começou cedo na vida de prostituição, na época em que morava no Ceará. Hoje, em Salvador, todo o dinheiro que ganha vai para a família que ainda mora lá. "Já pensei em trazer eles pra aqui, mas depois analisei: morar comigo não vai dar certo, não", revela.

Com a também cearense Sandra, 50 anos, também vale a mesma regra, aprendida nas lições com os multiplicadores/educadores do Gapa-BA, que atuam no Projeto Homo-Bissexuais – Gênero e Grupos de Identidade, hoje rebatizado como Aids e Cidadania Sexual. "Só de a gente participar do programa e ganhar a camisinha já é ótimo. A conversa deles é amiga, eles abraçam a gente, tratam todo mundo bem", depõe, revelando que outras instituições que atuam na área em ações de prevenção cobram uma taxa pelos preservativos. Outra ação da ONG, destacada pelas próprias prostitutas, diz respeito aos cursos de capacitação, como o de fabricação de roupas íntimas e reciclagem de jeans. "Acho muito importante esse tipo de coisa, hoje, se eu quiser sair daqui, já me sinto pronta", afirma Adriana.

Mas o que diferencia a atitude dessas mulheres da Montanha de outras, bem mais jovens, que arregimentam clientes nos bares da Conceição? "O que separa a gente aqui é a droga", afirma, taxativa. Basta uma rápida passagem pela região para perceber o que qualquer prostituta sabe de cor – há muita gente vendendo o corpo para pagar uma pedra de crack.

Outras transam até por um cigarro de maconha ou um papelote de cocaína. A prevenção, nestes casos, fica em último plano. Se o cliente oferece um pouco mais para transar sem preservativo então...

Mas esse comportamento restringe-se àquelas que não recorrem ao aluguel do quarto nos bregas mais tradicionais. Cabe às cafetinas da Ladeira da Conceição a "moralização" do lugar. "As prostitutas são obrigadas a seguir as regras das cafetinas, elas são como mães, exigem respeito", conta Amália*, ex-funcionária do bar de um dos bordéis da região. Marinalva, que mantém um dos mais "conceituados" espaços do lugar, exige que suas meninas andem bem vestidas, perfumadas, longe das drogas e dos crimes. Afinal, muitos de seus clientes vêm do porto e pagam bem pelo serviço no brega, certamente o mais limpo e arrumado do lugar.



Nos prostíbulos, há várias categorias profissionais

No caso de Áurea, outra cafetina conhecida, nos quartos do seu casarão – onde a limpeza não é exatamente a regra – não se usa drogas nem se rouba os clientes. Conforme testemunho de quem transita pelo espaço, ela é dura com quem infringe as normas – a punição vem pelo uso da força. "Quem não respeita, apanha", contou um cliente que por motivos óbvios prefere não se identificar. O drama das mulheres, que nos anos 60 trabalhavam para manter os cafetões, não se restringe à violência física. Por falta de recursos financeiros, algumas se submetem a morar nos casarões e acabam escravizadas no lugar. Este é o caso de uma profissional conhecida como Bigode, uma espécie de mocama de Áurea. Mesmo fazendo todos os serviços de doméstica e garçomete no bordel, não recebe nada por isso. E ainda é obrigada a fazer programas se quer ter uns trocados no bolso no fim do mês. ★



Cidadania Sexual:

redimensionando a democracia.

POR ALMIR PEREIRA JÚNIOR*

A luta por cidadania corresponde a um eixo central da identidade política do campo da sociedade civil organizada engajada na radicalização da democracia. Mas, quando se pensa em cidadania ou democracia raramente é feita alusão direta à sexualidade, como se esta não fosse um vetor de desigualdades sociais e de violação de direitos.

É interessante perceber como, ainda hoje, e mesmo no âmbito da denominada esquerda progressista, a expressão "cidadania sexual" ainda causa surpresa e estranhamento, já que nos propõe a refletir criticamente sobre qual democracia efetivamente queremos, e sobre quais são os direitos a serem defendidos e afirmados. Ao longo das últimas décadas, temos falado muito dos direitos sociais, políticos, econômicos, ecológicos... A democracia, como diria Herbert Daniel¹, a democracia sempre esteve fora da nossa cama.

Mas, será que podemos mesmo falar em "radicalização da democracia" ou em "cidadania plena", quando uma dimensão tão fundamental e intensa de nossas vidas (como indivíduos e como coletividades) fica fora dos debates e ações de luta por direitos?

Assim como estamos aprendendo a ler os desafios do contexto brasileiro de desigualdades a partir das óticas de gênero e de "raça", conquistas das feministas e do movimento negro, é preciso ampliar ainda mais os horizontes da cidadania, se realmente queremos tomar a valorização da diversidade humana como um valor fundamental do processo democrático.

Só que, na prática, grande parte da sociedade civil organizada ainda parece muito tímida e receosa para encarar o debate político acerca

da sexualidade como uma arena estratégica de fortalecimento da cidadania.

Com qual frequência, mesmo em debates e esferas protagonizados pelos atores sociais engajados na luta democrática, a questão da sexualidade tem sido efetivamente incorporada na formulação de propostas de políticas públicas e de novas legislações?

O resultado geral é o silêncio forçado que persiste acerca dos direitos (e da violação desses direitos) de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e profissionais do sexo, parecendo haver um acordo tácito (uma espécie de "etiqueta política") de não se falar no assunto, principalmente quando o que está em debate são temas "sérios" como democracia, desigualdade e cidadania.

Claro que existem exceções. E o movimento GLBTT², as articulações das profissionais do sexo e toda mobilização para a luta contra a Aids no Brasil são grandes exemplos disso. Colocam a cara à tapa, botam o bloco na rua, e lutam contra o silêncio e a invisibilidade. E, pouco a pouco, os avanços vão sendo obtidos, e o silêncio vai sendo quebrado.

Com o estouro das Paradas Gays em todo o país, sendo a de São Paulo talvez a maior do mundo nos dias de hoje, a invisibilidade vai sendo quebrada. Mas, para além das celebrações de junho, mês do "orgulho gay", vão se multiplicando os atores sociais e as iniciativas que cotidianamente vão colocando a cidadania sexual na agenda política, ampliando os limites da democracia.

E, inevitavelmente, a partir da década de 80, o movimento Aids tem sido

um canal fundamental para isso. Como nunca visto anteriormente na história do país, gays, lésbicas, travestis, profissionais do sexo, entre outras expressões da chamada "minoridade sexual" vão ocupando espaços de discussão e decisão política. E estão lá defendendo, aberta e arduamente, seu direito de viver e expressar sua sexualidade – com todo amor, respeito e dignidade.

Em 2000, o Gapa-BA, para marcar o começo de uma nova fase na implementação de seu programa destinado ao público homo-bissexual, decidiu ampliar seu escopo de ação e reflexão e adotar a "Cidadania Sexual" como princípio, estratégia e metodologia. De fato, não se tratava de algo inédito para a organização: em diferentes momentos, o trabalho com as profissionais do sexo e com o público GBTT passou por diferentes arranjos e interseções. Mas, a partir de 2000, se empreendeu um esforço mais contínuo e sistemático de explorar as diferentes dimensões de atuação que a luta por cidadania sexual abria.

E o maior marco desse processo foi a criação do CECSOS³, Centro de Cidadania e Solidariedade às Orientações Sexuais, que foi uma iniciativa inovadora no campo das ONGs, tendo como foco o desenvolvimento de ações de "empoderamento" e de "educação para a cidadania", buscando a valorização da identidade e da auto-estima de indivíduos que estão em situações limites de exclusão social e negação da cidadania.

Através de apoio jurídico, atividades culturais, manifestações artísti-

cas e usando de criatividade e ousadia, o CECSOS assumiu o desafio não só de se engajar na luta pela cidadania sexual, como o fez através da interseção com a questão da pobreza: ainda que desenvolvendo atividades abertas a toda comunidade soteropolitana, o grande investimento do CECSOS sempre foi o de levar a reflexão e a mobilização por cidadania sexual para os setores e áreas mais pobres da cidade de Salvador.

Com isso, tornou mais vivo e mais efetivo o significado da expressão cidadania sexual: trazer à luta por cidadania aqueles que não eram vistos como sujeitos de direitos. Impulsionar o potencial de ação cidadã daqueles, que por conta de sua sexualidade e pobreza, não tinham ainda sido convidados para a dança da democracia. ★

^{*} Doutor em Sociologia. Entre 2000 e 2002 coordenou o Programa Aids e Cidadania Sexual do Gapa-BA (Grupo de Apoio à Prevenção à Aids da Bahia) e atualmente faz parte da equipe da Action Aid Brasil. Coordenando o Programa de Direito à Saúde.

¹ Intelectual e ativista político, foi um dos pioneiros na luta contra a Aids no Brasil,

² Abreviação para Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transgêneros.

³ O CECSOS foi criado em novembro de 2000, quando eu era Coordenador do Programa Aids e Cidadania Sexual do Gapa-BA.





 **GAPA** BAHIA
15 ANOS GRUPO DE APOIO À PREVENÇÃO À AÍDAS